

Francisco Pianko, Secretário dos Povos Indígenas (Parte I)

INGRID WEBER

Sou antropóloga, carioca, trabalho na Comissão Pró-Índio do Acre desde 1998. Há tempos os amigos Terri e Marcelo me convidam pra escrever um “papo”. Vinha adiando o convite, sempre achando que outros teriam coisas mais interessantes a dizer. Entre eles o entrevistado, Francisco Pianko, atual Secretário dos Povos Indígenas do Acre, que considero das pessoas mais brilhantes que já conheci. Daí a idéia da entrevista.

Na época em que Terri e eu pensávamos a “pauta”, assistimos à palestra do jornalista Rui Castro. Ele dizia que, quando editor da Playboy, não ia a uma entrevista com menos de 500 perguntas na manga. Inspirada nesse ‘método’ e entusiasmada com a brincadeira de ‘profissão repórter’, estudei o assunto e preparei vinte questões, cada uma dividida em sub-temas. Elas começavam no velho Samuel Pianko, avô de Francisco e grande liderança, e desaguavam no Governo da Floresta e as políticas públicas para os povos indígenas, passando pela aldeia Apiwtxa e a teoria ashaninka sobre a ‘sustentabilidade’. Evidentemente, em um único dia não demos conta de todas as questões, até porque o Secretário, incansável, discorreu longamente sobre cada assunto.

Desde então, não tivemos outra oportunidade para finalizar a entrevista, que ficará para o futuro, quando o Txai voltar de sua viagem iniciática junto aos parentes Yawanawá. A primeira parte, sobre a trajetória de vida de Francisco antes da Secretaria, foi então dividida em duas, que serão publicadas neste e no próximo domingo. Dito isto, vamos ao que interessa.

Terri: Conte um pouco sobre o seu avô, Samuel Pianko. Como ele veio parar no rio Amônia?

É difícil falar do meu avô, porque ele andou muito. Mas da lembrança que eu tenho, das histórias que ele contava, foi o pai dele quem o trouxe do Ucayali pra essa região da cabeceira do Juruá quando ele era pequeno. Eles vieram buscando lugar pra morar, que tivesse mais fartura e que fosse mais tranqüilo, porque havia uma pressão muito grande já por parte dos peruanos daquela região.

Mas eles se mudavam muito, porque não tinha nem esse negócio de fronteira, ali era uma região sem dono. A ocupação era mais por conta do caucho, depois da caça, couro, madeira, essas coisas todas. Quem comprava, na verdade, era quem comandava mesmo. Não tinha, assim, a presença do Estado mesmo, do Estado peruano ou brasileiro, eram só os comerciantes. E o deslocamento era muito fácil pros Ashaninka, na época eles iam até a cabeceira do Envira, de lá até a cabeceira do Juruá e passavam pra cabeceira do Sheshea até o Ucayali. Em todas essas cabeceiras de rio tinham parentes, e eles faziam muito isso.

Mas de um certo tempo pra frente, depois que meu avô construiu família, aí ele deixou de andar. O pai dele também veio a falecer, e ele ficou só no Amônia mesmo. Então, por conta dessas andanças que ele fazia nesses cantos onde a família dele estava distribuída, ele se tornou uma referência muito grande. Ele

passou a ser o grande representante do Amônia, deixou de ser uma pessoa que andava e passou mais a morar mesmo. É por isso que às vezes se desenha muito assim, você anda, ocupa vários lugares e depois chega uma hora que você passa a ser a referência daquele rio.

Ingrid: Por que ele era considerado um grande chefe?

A lembrança que eu tenho dele, mais forte, era da grande referência que ele era pra família dele mesmo. Ele foi um grande chefe porque, enquanto ele estava vivo, todos - os filhos, os genros e aqueles que tinham alguma ligação com a família dele -, eram dirigidos por ele. E todos moravam juntos e não tinham medo dele, tinham respeito por ele. Ele sabia chamar a família, reunir, ele não deixava as coisas passarem em branco. Onde tinha qualquer problema, e problemas graves, ele era chamado para resolver. Ele não era um líder só porque quisesse ser, era uma coisa que vinha com ele mesmo, do pai dele passou isso pra ele. Ele tinha domínio sobre tudo: era um caçador, um grande pescador, era muito trabalhador... Então, pra tudo isso ele era o exemplo do grupo. Se alguém fosse reclamar de alguma coisa, ele tinha a resposta pra dar.

Ele tinha muito cuidado. A maneira que ele preservava a família, que ele cuidava da família dele, era muito forte. Ele procurava sempre preparar alguém pra fazer a mediação com o mundo de fora, ele nunca deixava a comunidade se expor e ir fazer o contato. Em qualquer atividade,

ele estava sempre à frente, pra não deixar a comunidade negociando as coisas individualmente. Nas atividades madeireiras, e outras, eles procuravam se organizar em grupo, não trabalhar de uma maneira individual. Aqueles que tentaram fazer as coisas sozinhos se deram muito mal, não tinham uma orientação e foram perdendo a força.

Terri: Como foi que teu pai, Antônio Pianko, o sucedeu?

Quando meu avô morreu, eu era pequeno. Eu não sei o dia direito, mas ele sofreu um derrame, como as pessoas chamam. Ele tava na beira do fogo dele comendo uma macaxeira assada quando aconteceu. Estava velho, mas era um velho ainda muito forte, ele tinha o seu roçado, a sua casa. Ninguém estava esperando ele morrer.

Mas não teve essa coisa de preparar o sucessor, não, foi natural o processo. Eu lembro que estava todo mundo chorando muito e meu pai chegou já administrando a questão da morte dele, olhando a casa dele, a família... Também na hora de arrumar o caixão, essas coisas, então já passou a ser uma coisa que meu pai fez. Com esse gesto, ele assumiu de vez a posição; enquanto os outros ficavam chorando, reclamando das coisas, ele já arrumou o que tinha que fazer na hora.

Ele também já trazia esse perfil de cuidar. Foi uma mudança de cargo assim sem ninguém perceber, foi muito rápido. Mas o meu avô já dizia, já se percebia nas conversas dele que meu pai era pessoa da mais alta confiança pra tocar essa parte de representar o povo. Então, essa foi a mudança.

Ingrid: Como aconteceu o casamento dos seus pais?

A minha mãe foi morar perto da aldeia ainda pequena, ela tinha uns 12 ou 13 anos. Era uma família muito humilde também, foram pra lá em busca de um lugar tranqüilo pra morar. Com a convivência, passaram a ter uma aproximação muito forte com a nossa comunidade. E eles trocavam coisas, farinha, levavam uma coisa lá da comunidade, trocavam por tabaco... Aí o meu pai já conheceu a minha mãe e começaram a namorar. E, assim, muito rápido, o meu avô chamou o meu pai e disse: “Vamos fazer o casamento de vocês, porque vai ser muito bom pra gente. Vamos ver se essa família de branco tem mesmo alguma coisa séria com a gente, e nós precisamos de alguém



FRANCISCO e seu pai, Antônio Pianko

pra ajudar a fazer esse contato”. Então o casamento não foi feito assim só um casamento, o meu avô já pensava na aliança com essa família como uma porta de entrada pro contato, pra ter mais facilidade.

E aí foi lá pedir, juntou a aldeia inteira, o meu avô, a minha avó, chamaram outras pessoas e foram fazer a visita à família da minha mãe. Chegaram lá e disseram: “Meu filho está namorando com a tua filha e a gente veio aqui pedir ela pra se casar com meu filho”. E aí, lógico, assustou muito a família da minha mãe. O meu avô por parte de mãe disse: “Olha eu não posso responder agora”; minha avó [materna] já foi dizendo que não queria... Aí ele [Samuel] foi muito claro: “Olha, eu não estou pedindo aqui a tua filha só pra casar com meu filho, nós estamos vindo aqui numa missão de fazer uma aliança muito forte com vocês. Ou a gente vai firmar essa aliança com esse casamento, ou a gente não tem mais negócio. E a sua filha, ela não vai casar só com meu filho, ela está casando com um povo. Do jeito que a gente está pedindo aqui, se não der certo, se a sua filha não se acostumar, a gente vem entregar de novo. Mas ela não vai ficar lá sozinha, nós vamos cuidar dela, todos nós vamos cuidar dela. A

gente precisa muito dela para que esse casamento tenha filhos, tenha pessoas que possam fazer essa negociação com vocês, que é muito difícil fazer isso”.

Então o projeto era esse, pra preservar a família ashaninka, porque era muito difícil esse contato. Aí perguntaram a minha mãe e ela disse: “Olha, eu topo ir morar lá, não tenho medo, não”. E daí a minha avó por parte de mãe disse: “Então, pra ficar com ela, vai ter também que passar pelo ritual nosso, vai ter que ir na igreja, tem que casar...”. Aí o meu avô por parte de pai disse: “A gente respeita vocês, pra nós isso aí não interessa, não, mas se vocês querem desse jeito, podem fazer o casamento”.

Terri: Como foi a participação da tua mãe no contato dos Ashaninka com os “brancos”?

A partir do casamento ela já passou a ser tratada como um instrumento importante. Daquele momento pra frente ela já passou a ter um papel, não ser só a esposa, mas ela passou a fazer a ponte entre a comunidade e os não índios na região. A minha mãe procurava discutir junto com a comunidade, orientar sobre o mercado, sobre essa questão de preço, enfim, organizar a produção, essas coisas todas.

Papo de Índio

Desde aquela época ela já falava que não tinha que deixar de ser Ashaninka pra ser importante, as pessoas é que tinham que aceitar. E todos que vinham de fora, desde os primeiros da Funai que entraram lá, já procuravam a minha mãe como porta de entrada para a comunidade. E aí ela recebia, ouvia o que as pessoas tinham pra falar, passava pro meu pai e meu pai distribuía essas informações dentro da comunidade. Então ela foi muito importante nesse processo. E acontecia tanto quando chegava alguém pra ajudar, como quando chegava alguém pra fazer o mal. Quando a polícia ia pegar alguém na comunidade, pegava primeiro a minha mãe. Então, a minha mãe era quem respondia por tudo.

Foi muito forte isso e ela passou a ser vista como a dona dos Ashaninka. Até hoje ainda tem gente que diz "os índios da Piti", "os Kampa da Piti", tudo era Piti. A gente trabalhou muito pra tirar isso, mas ainda tem isso muito forte. E daí começou a nascer os filhos, nasceram cinco homens e duas mulheres. Então cada um filho que nascia, a minha mãe fala que o meu avô ficava muito animado: nasceu um filho homem, aí depois outro homem, nasceram quatro homens seguidos, eu sou o mais velho. E meu avô dizia que queria mais, era a maneira de fortalecer essa representação.

Ingrid: E o teu estudo, como foi? Quando você era criança já tinha escola na aldeia?

Não tinha, não. Minha mãe que sabia um pouquinho, ela tinha aprendido em Thaumaturgo. Ela que ensinava a gente um pouco, comprava o livro e ensinava a gente a fazer nome, essas coisas. E depois, bem mais tarde, aí tinha uma escola que era paga pelos pais, mas não era dentro da comunidade ashaninka, era fora. As aulas eram à noite, porque de dia todo pessoal trabalhava. Mas os Ashaninka não estudavam, não, só eu que quis participar. Eu estudei mais ou menos um ano com essa professora.

Depois eu estudei uns três meses em Cruzeiro, mas não me acostumei lá e voltei pra aldeia. Eu tinha, acho, uns 12 anos. Depois que eu passei esse ano, que me alfabetizei, aí eu comecei a ler, livros, o que pintava eu tava lendo, os relatórios do Terri, relatórios do Txai Macedo... E também as pessoas que visitavam a gente, eu pedia livro, eles levavam... De repente, eu conheci o mundo todinho! Eu queria entender, quando eu vi a primeira vez um mapa do Brasil, eu vi o Acre, aí eu começava a imaginar as coisas, eu queria conhecer outro país, o Peru...

Então esse interesse, essa visão, esse entendimento, estava muito ligado aos debates que a gente estava fazendo, pensando a defesa do nosso povo, pensando o nosso terri-



A GRANDE família: seu Antônio e dona Piti (no centro) e Francisco (à esquerda)

tório, e aí foi muito fácil compreender o mundo. Não precisou mais eu ir pra escola, foi na prática mesmo.

Terri: Como você se tornou uma liderança na sua comunidade?

Bom, eu comecei a trabalhar muito cedo. Com quatorze, quinze anos o meu pai já me levava nessas andanças, nesse fóruns que ele era convidado pra falar - convidado pelo Txai Terri, Txai Macedo, Comissão Pró-Índio, por vários outros parceiros, Funai, CIMI, Conselho Nacional de Seringueiros, eram muitas entidades juntas -, então o meu pai me levava sempre. Ele me levava para duas coisas: uma pra ser o barqueiro, cuidar do motor, e outra para traduzir o que eles falavam. Então, de mim era cobrado muito, eu não podia perder nenhum momento. E tudo que era conseguido pra comunidade, o meu pai colocava na minha mão pra administrar: desde o barco, a cantina, essas coisas todas. E com isso eu tinha uma relação com todas as famílias, eu passei a ser um instrumento da comunidade. Eu não trabalhava mais pra mim, eu passei a fazer o trabalho pra comunidade.

Tinha também o Moisés, que foi pra São Paulo com a Margareth, envolvido com a tese que ela estava defendendo. Lá ele começou a fazer um trabalho que foi ajudar na parte da questão da terra. Eu trabalhava mais a questão interna, essa coisa mais pequena, mas era um pequeno que sustentava a coisa toda. E foi dada a mim a responsabilidade de fazer a comunidade aceitar que nós tínhamos que ter uma terra, aceitar que nós tínhamos que ser independentes, aceitar que nós juntos tínhamos muito mais força pra vencer. Então, foi esse trabalho que eu fazia e comecei a ser visto como uma pessoa importante da comunidade. Eu participava de tudo, desde a construção do barco à construção das casas.

Eu não trabalhava pensando em ser uma liderança da comunidade. Eu trabalhava pensando

em dar conta e mostrar que tudo aquilo que eu estava falando era possível ser feito e que a gente tinha que fazer, não ficar só na conversa, tinha que se concretizar, então esse era o desafio. E com isso a gente foi vencendo algumas etapas: demarcação da terra, sair da mão dos patrões, organizar o nosso povo pra se apresentar como uma sociedade que não é inferior a nenhuma outra, e levar esse nome que a gente tem hoje.

Hoje, quando alguém me pergunta, "Você é uma liderança, como você se vê?", da minha parte, acho que consegui dar uma grande contribuição, mas eu me vejo como mais uma entre várias outras pessoas que também deram muitas contribuições dentro daquela comunidade. No início, era eu e meus irmãos que estávamos à frente desse trabalho. Mas a gente se preocupou em distribuir a responsabilidades para outras pessoas, tanto é que eu saí da frente da associação quando morava lá ainda. Eu fiquei dois mandatos e saí sem que as pessoas quisessem que eu saísse. Saí porque queria me afastar um pouco e

ficar acompanhando de fora sem ser o presidente da associação. Eu pude perceber que quando se faz um bom trabalho, não há disputa. O bom que a gente tem na nossa comunidade é que não tem uma disputa pra querer ser o presidente, porque as pessoas sabem o tamanho da responsabilidade que isto representa. As pessoas escolhem a melhor pessoa pra assumir aquela função naquele determinado momento.

Então, pelo trabalho que eu fiz, hoje eu sou visto lá dentro da comunidade como uma pessoa muito importante. Eu não sei se o nome que dão pra mim é "liderança", mas o que sinto dentro de mim é que a gente conseguiu realizar muitas coisas. E o mais interessante é que talvez, há quatro ou cinco anos, uma saída minha poderia mexer muito com a comunidade, e hoje eu vejo que não é mais assim. A minha saída faz falta, mas a comunidade não se acaba por conta da minha saída. Eu pude ver isso, estou vendo isso, voltei pra minha comunidade no final do ano e vi a comunidade viva. O pessoal muito seguro, preocupa-

do: a preocupação que eu tinha naquela época, eu consegui ver agora nas pessoas. A preocupação pelo nome, pelo trabalho que está sendo feito, pelo projeto que foi iniciado. E sem disputa, continua todo mundo pensando junto. Hoje eu vejo que fora da minha comunidade, talvez, eu possa ser entendido como uma liderança, por ter vivido essa experiência, por conhecer muitas coisas, por ter condições de ajudar muitas outras comunidades também.

Ingrid: E você gostava de exercer essa função?

Eu gostava muito. Eu tinha uma coisa comigo muito forte, porque as pessoas que estavam no entorno, todos eles ficavam torcendo pra que não desse certo. Os não índios, o município, ficavam torcendo pra que a gente ficasse abandonado, pra que a gente não tivesse nada, pra que a gente sofresse muito, pra que a gente ficasse pequeno, tinham muitos que tinham raiva da gente. E aí, hoje, eu vejo que as pessoas que antes tinham essa visão, agora admiram a gente. E isso só aconteceu porque a gente soube fazer um trabalho com eles. Não foi respondendo com palavras ao que eles estavam falando, a gente procurou dar a resposta com o trabalho.

Todo mundo que conhece sabe, a Apiwtxa passou a ser referência no município de Marechal Thaumaturgo, tanto política, como exemplo de comunidade, como o lugar que tem uma qualidade de vida muito boa. E a gente não depende de mandato de político local, de mandato de político estadual, ou federal. A gente depende de um projeto bem maior que é essa questão do rumo que vai tomar o planeta, a política, a consciência das sociedades. Então a gente está mais preocupado com isso, porque é isso que pode nos abalar, nos deixar com medo, mas não essas coisas do poder local. Essa independência, eu acho que foi um trabalho que desde o princípio a gente já vinha pensando nessa direção. E eu fazia isso com muita segurança, eu gostava, e gosto, de fazer isso.



SAMUEL Pianko, avô de Francisco (foto de 1983)